



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
DAVID GÓES

**V DE VINGANÇA:
IMPLICAÇÕES IDEOLÓGICAS NA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA.**

Palhoça, 2007

DAVID GÓES

**V DE VINGANÇA:
IMPLICAÇÕES IDEOLÓGICAS NA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA.**

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social com habilitação em
Publicidade da Universidade do Sul de Santa
Catarina.

Orientadora: Ramayana Lira

Palhoça
2007

“As pessoas precisam de símbolos”

(Edward Finch em Vhq)

RESUMO

O presente trabalho buscará compreender as implicações ideológicas encontradas na adaptação para o cinema da obra em quadrinhos “V for vendetta” que produziram mensagens diferentes das encontradas na HQ, como a apologia aos movimentos anárquicos e crítica aos meios de comunicação de massa.

Palavras-chave: História em quadrinhos, adaptação, cinema, ideologia.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Desconstrução V HQ.....	p. 19
Tabela 2 - Desconstrução V Cinema.....	p. 21
Tabela 3 - Relações entre V e Evey na HQ	p. 24
Tabela 4 – Relações entre V e Evey no cinema	p. 24
Tabela 5 – Relações entre a população em V hq e V cinema	p. 33

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	p. 26
Imagem 2	p. 26
Imagem 3	p. 28
Imagem 4	p. 29
Imagem 5	p. 30
Imagem 6.....	p. 32
Imagem 7.....	p. 32
Imagem 8.....	p. 34
Imagem 9.....	p. 36
Imagem 10.....	p. 36
Imagem 11.....	p. 38
Imagem 12.....	p. 38
Imagem 13.....	p. 40
Imagem 14.....	p. 40
Imagem 15.....	p. 44
Imagem 16.....	p. 45

LISTA DE ABREVIATURAS

MCM: Meios de comunicação de massa

V hq: A obra V de vingança em quadrinhos

V cinema: A obra V de vingança do cinema

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	ADAPTAÇÃO: MELHOR OU PIOR?.....	11
3	IDEOLOGIA NO CINEMA E PROCESSOS DA COMUNICAÇÃO	14
4	DESTRUTURAÇÃO DAS NARRATIVAS	17
4.1	DESTRUTURAÇÃO V HQ	18
4.2	DESTRUTURAÇÃO V CINEMA	20
5	RELAÇÕES ENTRE V E EVEY	24
5.1	V COMO O HOMEM DE EVEY	25
5.2	V COMO UM MONSTRO INCOMPREENDIDO	27
5.3	V E EVEY COMO SÍNTESE DAS DOUTRINAS ANARQUISTAS.....	29
6	POPULAÇÃO E MÍDIA.....	33
7	PAPEL DO ESTADO EM V.....	35
7.1	ESTADO E MÍDIA.....	39
8	ESTADO VOYEUR.....	41
9	ASPECTOS FINAIS DO FILME.....	43
	CONCLUSÕES.....	46
	REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

O cinema desde sempre vem produzindo histórias buscadas em fontes como peças teatrais, espetáculos musicais e obras literárias. As indagações a respeito da “fidelidade” e aproximação destas obras com suas “versões originais” partem dos mais variados focos de acusação, como supressão de personagens, alterações na narrativa, reducionismo do “melhor ou pior”, entre outros. Mas pouco se analisa ou discute sobre o caminho que a mensagem inicial percorre em seu processo midiático, e que muitas vezes não consegue garantir a sobrevivência da idéia central, impedindo-a de se manter e reproduzir, dificuldade esta que tem os mais variados motivos, desde a necessidade de uso das convenções cinematográficas até implicações ideológicas.

A adaptação das histórias em quadrinhos já existe há muito tempo no cinema, deixando seus espectadores familiarizados com os heróis na tela. A obra em quadrinhos *V de vingança*, escrita por Alan Moore e ilustrada por David Lloyd, ganhou sua versão nas telas em 2006. Originalmente lançada na década de 80 na Inglaterra em forma de capítulos em quadrinhos, a história buscou representar o anarquismo como solução alternativa que fugisse da dualidade capitalismo x socialismo presente na guerra fria, criticando também a ameaça de uma terceira opção latente: os regimes totalitários, em particular o fascismo.

Para esta adaptação, a produtora americana Warner provavelmente encontrou um dilema: como reproduzir uma história repleta de temas controversos presentes na HQ, tais quais: um herói que utilizava métodos terroristas para combater o fascismo e implantar o anarquismo e a crítica aos MCM e à concentração de informação pelo Estado e mídia. Este trabalho buscará descobrir quais as

alternativas encontradas pela produtora para representar os polêmicos temas na tela, já que o cinema, típico produto da “burguesia triunfante” (BERNADET, 2001, p. 14), na maioria das vezes buscou reproduzir o poder constituído dos seus “donos” e legitimar sua existência como produção de significados com claras obrigações mercadológicas, voltados ao consumo do público dos “8 aos 80”¹.

Será feita uma análise dos principais fatos presentes nas narrativas para se estabelecer elos entre os dois desenvolvimentos que forneçam dados para a questão da produção e interpretação que representaram: a mensagem de anarquismo, o papel da população² e o poder estatal e midiático - para descobrir quais foram as soluções criadas para estas representações no cinema e como estas mensagens foram produzidas, considerando-se que qualquer processo comunicacional está vulnerável à impregnação das ideologias de seus produtores. Existe então a possibilidade de que a obra de cinema tenha tratado a questão do anarquismo de forma diferente, a fim de afirmar a sua própria condição de “democracia midiática”, assim nomeada pelos próprios detentores do poder.

Para complementar a pesquisa, serão utilizadas bibliografias de autores como Robert Stam, que escreveu sobre as adaptações literárias no cinema, Graeme Turner e sua obra “Cinema como prática Social” (Ed. Summus, 1997), Stuart Hall com os estudos de mediações culturais e obras sobre linguagem cinematográfica, além das desconstruções descritivas das obras dos quadrinhos e do cinema.

¹ Expressão citada de um produtor americano que “marca o filme como mercadoria (...) do cinema como veículo de massa” (BERNADET, 2001, p. 62)

² População será a palavra utilizada para se referir à grande massa de trabalhadores que não faziam parte do partido nas obras.

2 ADAPTAÇÃO: MELHOR OU PIOR?

Adaptações de cinema são frequentemente acusadas de distorcerem suas obras originais, sejam elas feitas a partir dos livros, das histórias em quadrinhos ou qualquer outra forma de expressão. Em seu livro “Literature and Film”, Robert Stam aborda alguns motivos pelos quais os críticos condenam as versões cinematográficas originárias da literatura. Ele cita algumas acusações sobre a relação entre os dois meios, tais como a “*superioridade*” das artes mais antigas; a “*dicotomia de pensamento*”, que trata literatura e cinema como rivais; a valorização da linguagem verbal – “*logofilia*” - em detrimento à linguagem visual – “*iconofobia*” (não sendo este o caso de uma adaptação de quadrinhos, que também utiliza-se da linguagem visual); o “*prejuízo de classe*”, que populariza uma história e desprestigia sua nobre reputação literária; a “*obscenidade*” que uma linguagem fílmica expõe ao telespectador, atuando de forma direta nas estruturas neurais do corpo humano (através de efeitos visuais, sonoros e movimentos de câmera); o “*mito da facilidade*”, que supõe que os filmes são de “fácil interpretação” se comparados à dificuldade de se ler um livro e o “*parasitismo*”, que faz os filmes parecerem meras ilustrações das literaturas, não formulando idéias originais e apenas tomando emprestado o que já havia sido escrito.

Poderíamos concordar com alguns aspectos destas acusações, mas também debater com outros, que se tornam extremamente radicais e colocam de

lado as qualidades do meio cinema, como por exemplo na acusação de “parasitismo”, quando um filme em questão pode não ser uma mera representação da história “original”, mas conter muito mais representações cujo meio literário não teria condições de transmitir. Poderíamos também dizer que existe um certo elitismo em se acusar um filme por sua “popularização”, pois transformar literatura (“arte nobre”) em cinema (“obra vulgar”, massificada) não necessariamente vai degradar sua história, podendo às vezes causar um efeito inverso e tornar a história ainda mais hierarquizada. Muitas críticas acabam por subestimar as produções cinematográficas, acusando as obras de serem de fácil interpretação, como se não houvesse a necessidade de cérebro para traduzir a sua mensagem, além de inferiorizarem os filmes pelo simples fato deste ser um meio mais atual, esquecendo-se do quanto algumas adaptações podem complementar a obra literária original. Stam acusa os críticos de esquecerem as obras que foram verdadeiras “redenções” fílmicas quando em complemento com suas histórias originais, citando a adaptação feita por Hitchcock da obra “Os Pássaros” de du Maurier e do filme “Dr. Fantástico”, adaptação do livro “Alerta Vermelho” de Peter George feita por Stanley Kubrick.

Mais do que dicotomizar e tornar os meios conflitantes, é necessário que haja um estudo de intersecção dos meios em que se tente buscar de que forma eles se relacionam entre si. Martine Joly nos propõe uma forma de se relacionar os dois meios com as “relações de inclusão”, ou seja, “estudar qual o lugar e as formas de representação na literatura no cinema ou as do cinema na literatura”. (JOLY, 2002, p. 20). Stam argumenta que o campo dos estudos culturais são menos interessados em estabelecer hierarquias verticais de valor e preferem explorar as relações horizontais entre os meios. “Uma adaptação fílmica é automaticamente diferente e original devido à mudança de mídia” (STAM, 2005, p. 17). Para ele, a adaptação se transforma em apenas outro texto, ocupando seu espaço legitimado como mais uma mídia narratológica.

Fazer analogias hierárquicas entre literatura (HQ) e cinema faz pouco sentido, e não se deve esperar tantas semelhanças. Segundo Stam, “a fidelidade na adaptação é impossível” (STAM, 2005, p. 17) por diversos motivos. As diferenças são óbvias nos sentidos de investimento, produção e apresentação ao público. Mas e

em relação à fidelidade? Stam argumenta que para isso deve se buscar responder à questão: fidelidade a quê? No caso desta pesquisa, será buscada a fidelidade na apologia anarquista presente na mensagem original, além de sua crítica direta aos MCM. Todas as diferenças óbvias entre as mídias serão colocadas de lado para se fazer uma abordagem contextual entre as duas produções, focando a atenção em como a linguagem de uma adaptação pode produzir distorções ideológicas na idéia original concebida por seus idealizadores.

3 IDEOLOGIA NO CINEMA E PROCESSOS DA COMUNICAÇÃO

No livro “Cinema como prática social”, Graeme Turner defende a idéia de que nenhum filme produzido está livre da ideologia. Para ele, o cinema atua como qualquer aparelho ideológico do sistema e seu resultado produtivo acabará sempre resultando em mensagens impregnadas de ideologia.

As instituições cinematográficas têm interesses políticos que em última análise determinam quais os filmes que serão feitos, para não dizer os que serão vistos. Ao examinarmos a atuação dessas instituições, vemos a natureza dos interesses a que servem, os objetivos que perseguem e qual o significado de sua função para o público, a indústria cinematográfica e a cultura como um todo. (TURNER, 1997, p. 131)

Ao analisarmos a proposição de Turner, voltamos à questão de como um filme cujo herói é um terrorista pode ser produzido por grande corporação de um país que tem como o próprio terrorismo seu maior inimigo. Aparentemente, V é uma obra inadaptável para um meio como o circuito cinematográfico americano, devido às suas fortes críticas relacionadas ao poder do Estado, aos meios de comunicação e da suposta apologia ao terrorismo e anarquismo. O escritor Alan Moore deixou clara sua crítica ao comando de estado numa época de guerra fria, quando a sombra de políticas totalizadoras assombrava o mundo dividido em dois, fazendo de sua obra

uma “cartilha” para o conjunto de movimentos libertários conhecidos por anarquismo, que pregavam o fim do estado e a autonomia de cada cidadão como forma de poder.

Falar de ideologia implica em diversos sentidos contraditórios e polêmicos. Ideologia aqui entende-se pelo sentido hegemônico que “motiva uma ordenação da realidade em bem e mal, certo e errado, eles e nós...” (TURNER, 1997, p. 130). Para o autor, essa chamada “teoria da realidade” deve funcionar como estruturadora e ter características “invisíveis”, atuando de forma transparente. A ideologia, nesse caso, vai atuar diretamente sobre questões de gênero, de raça, de classes sociais e políticas.

Os estudos de comunicação tradicionais abordam os processos de produção, emissão e recepção como momentos distintos. Stuart Hall afirmou que a percepção de um produto cultural tem diversos sentidos, negando os estudos positivistas de um sentido único de leitura. Turner escreveu que “(...) o público lê os filmes por meio de formas específicas desse público e de determinantes culturais” (TURNER, 1997, p. 123). As produções discursivas possuem estes momentos distintos, mas eles estão profundamente interligados (HALL, 2003). O autor afirma que na passagem de formas do processo produção – circulação – distribuição/consumo – reprodução os fluxos das mensagens dependem de todos os momentos, que são necessários ao circuito como um todo. “Poderíamos dizer que há tantas interpretações de cada filme quantos forem os espectadores” (MARTIN, 2003, p. 27).

Ao analisarmos as ideologias contextuais de V, não podemos deixar de lado as questões de recepção, pois é sabido que o sentido único de leitura de qualquer mídia vai apresentar diversas contradições, de acordo com os diferentes tipos de espectadores:

(...) as abordagens ideológicas rejeitam a visão desse texto como tendo um significado “unitário”; isto é, fazendo sentido apenas de um modo, sem contradições, exceções ou variações nas interpretações feitas por diferentes membros do público. Em vez disso, o texto é uma espécie de campo de batalha de posições concorrentes e geralmente contraditórias. (TURNER, 1997, p. 143)

Apesar disso, o autor deixa claro que geralmente essa batalha costuma ter as posições dominantes na cultura como vitoriosas. Principalmente no caso de uma produção de cinema, onde luzes, efeitos, montagem e edições são geralmente feitos com propósitos de se transmitir uma mensagem unívoca. Hall define esta leitura como a posição hegemônica-dominante, ou seja, quando o espectador interpreta o produto (o filme, no nosso caso) de forma direta e integral, assim como os seus idealizadores o definiram. A forma discursiva da mensagem terá uma “posição privilegiada” na troca comunicativa, apesar de não se poder se restringir uma pesquisa a seguir apenas aquelas pistas que emergem das análises de conteúdo (HALL, 2003).

4 DESCONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS

Para a melhor compreensão das duas narrativas, foram feitas desconstruções de suas partes a fim de identificar quais os elementos chave que nos dirão a respeito de suas mensagens como um todo.

Em termos gerais, a história nos mostra um mundo pós-apocalipse³ onde o partido fascista tomava a Inglaterra e as minorias⁴ serviam como cobaias para experimentos medicinais nos campos de concentração, de onde se originou o personagem principal: V. Ele foi o único detento sobrevivente na explosão de um destes campos de concentração e voltou a Londres, onde ficou 10 anos planejando a morte de seus torturadores e derrubada do Estado fascista. O momento presente da história é durante o último ano de atuação de V, quando o personagem se encontrou com a garota Evey e utilizou métodos terroristas para a destruição do estado, mas a história conta com diversos flashbacks sobre o passado dos personagens.

Buscou-se focar a análise nos personagens principais que atuam no desenvolvimento das tramas, a saber: os heróis V e Evey, o policial Finch e o chanceler Adam Susan, renomeado Adam Sutler no cinema. Foi necessário deixar algumas tramas e personagens da HQ de lado pela complexidade de seus diversos personagens que foram suprimidos ou fundidos em um no cinema.

³ Em HQ, o pós-terceira guerra, em cinema, pós-epidemia de vírus.

⁴ As “minorias” são referentes em V aos não caucasianos, não católicos e de orientação homossexual.

As desconstruções apresentadas não mencionarão os flashbacks apresentados, mas retomados em momentos de importância nos momentos de análise. Os flashbacks ocorridos são:

- Em HQ: passado de Evey, de Valerie e da Dra. Delia Surridge, origem de V no campo de concentração e ocupação do poder pelo partido Fascista.

- Em cinema: Tentativa de Guy Fawkes em explodir o Parlamento, passado de Evey, de Delia e de Valerie e Flashback de epidemia de vírus relatada por V passando-se por Rookwood.

4.1 DESCONSTRUÇÃO V HQ

V HQ tem atmosfera densa, em ambiente sombrio e envelhecido, com aspectos noir dos cabarés e romances policiais. Seus autores mostraram a grande difusão das transmissões via rádio e televisão para as massas e o contato diário da população com a voz estatal. A internet, meio oficialmente não existente na época, foi preconizada na idéia do computador Destino, acessível apenas para os membros do partido e comandada pelo chefe de Estado Adam Susan. V também tinha acesso a esta rede, como veremos mais detalhadamente nos capítulos posteriores.

Os representantes do partido são representados de forma nada convencional: Derek Almond é um sádico que espanca sua esposa, Conrad Heyer é submisso a uma mulher dominadora, infiel e cruel, Lewis Prothero coleciona bonecas, o bispo Lilliman era pedófilo e o líder Susan tinha um caso de paixão doentia pelo computador Destino. Temos ainda a presença de Rosemary e Helen, esposas dos representantes do partido e com destinos opostos: a primeira, frequentemente espancada por Derek, que se vê obrigada a trabalhar como dançarina de um cabaré assim que ele é assassinado por V e o Estado se nega a lhe pagar pensão, e a segunda, sedenta pelo poder que manipula o próprio marido Conrad e membros do partido para a tomada do poder.

A Tabela 1 mostra as principais passagens da história impressa, separadas por números em ordem cronológica.

1. O encontro dos heróis Evey e V, após V salvar Evey dos homens-dedo
2. V explode o Parlamento e leva Evey para a galeria das sombras.
3. Apresentação de Adam Susan e dos chefes dos departamentos da cabeça.
4. V captura Lewis Prothero, a “voz do Destino”
5. V tortura Prothero e depois o liberta.
6. Evey se oferece para ajudar V em seu trabalho.
7. V assassina o bispo Lilliman com ajuda de Evey
8. Finch e Dominic fazem a reconstituição do assassinato do bispo.
9. Delia Surridge faz autópsia do bispo e recebe a rosa encontrada com ele.
10. Evey se arrepende de ter ajudado V no assassinato do bispo.
11. V mata Delia Surridge e Derek Almond, chefe do dedo.
12. Finch encontra o diário de Delia Surridge.
13. Finch relata a Susan as passagens do diário de Delia. Susan não se convence com o que está escrito.
14. Evey questiona a V se ele não seria seu pai. V deixa Evey na rua e responde que não é seu pai.
15. V invade os estúdios da NTV e transmite seu vídeo para toda a população inglesa. Dascombe é morto sendo passado por V
16. Evey passa a morar com Gordon e se tornam amantes.
17. Gordon é assassinado por Alistar Harper
18. Evey tenta matar Harper e é capturada
19. Evey é torturada e em seu cativeiro encontra carta de Valerie
20. Evey é solta e descobre que seu torturador é o próprio V
21. Evey tem uma epifania sob a chuva.
22. Evey agradece a V pela “lavagem cerebral”
23. V explode os prédios dos departamentos estatais nariz, ouvido e boca. V transmite mensagem via rádio à população e institui o “faça-o-que-quiser”
24. Susan tem seu estado mental alterado após mensagens de amor vindas de Destino. O partido não consegue manter a população sob controle e Creedy começa a colocar em prática o seu plano de tomar o poder.
25. Finch visita o extinto campo de concentração de Larkhill, ingere LSD e tem uma epifania.
26. V mostra os seus pertences que serão deixados para Evey
27. Rosemary atira na cabeça de Susan
28. Finch volta a Londres, encontra o encontra V na estação de metrô e atira nele.
29. Susan é declarado morto, Creedy assume o comando do partido. O partido anuncia a morte de V.
30. Harper mata Creedy a mando de Helen
31. V retorna à galeria e morre. Evey descobre quem V deve ser olhando-se para o espelho.
32. Finch desiste de seu trabalho, esoclhendo seguir suas próprias ordens,
33. Uma grande multidão se reúne em torno do quartel general da cabeça para esperar V, como ele havia prometido. V (Evey) surge, anuncia o fim do partido e declara a anarquia, passando o poder para a mão das pessoas.

34. A população se rebela e toma as ruas.
35. Evey captura Dominic e o leva à galeria das sombras.
36. Evey coloca V dentro do trem carregado de explosivos e liga o trem, que explode o quartel general do estado.
37. Evey apresenta “seu lar” (a galeria das sombras) para Dominic.
38. Finch encontra Helen nas ruas, se recusa a “tomar de volta o partido” sugerido por ela e segue caminhando pelas ruas.

Tabela 1: Desconstrução de V HQ.

4.2 DESCONSTRUÇÃO V CINEMA

Apesar de ter vários personagens suprimidos e fundidos, a narrativa de cinema possui diversas outras complexidades. Aqui, o personagem Creedy já é o chefe do departamento de repressão desde o princípio, e as personagens esposas dos funcionários do estado não foram mostradas. A história perdeu a trama de tomada do poder arquitetada por membros do próprio partido e aqui é V quem estimula Creedy a ocupar o lugar do Chanceler.

A história ganhou um elemento a mais: a epidemia de um vírus letal espalhado pelo próprio partido, um meio de controlar a população, já que esta tinha o seu antídoto obtido nas experiências dos campos de concentração, que mostrou como um governo pode utilizar o medo na população para ter maior facilidade no controle sobre esta.

A adaptação transformou Londres numa cidade futurista, com a televisão substituindo completamente o rádio e uma rede de computadores pouco mencionada denominada “interlink”. Os rolos de fita foram substituídos pelas mídias digitais, atualizando a obra de forma convincente ao espectador acostumado às novas tecnologias. Os rostos infelizes e melancólicos mostrados na HQ são substituídos por uma população mais “sadia”.

A tabela 2 mostra as principais passagens dos acontecimentos no cinema:

1. Encontro de V e Evey
2. V explode o edifício Old Bailey
3. Adam Sutler em audiência com chefes do departamento dá ordens para prisão de V.
4. Finch e Dominic seguem pistas de Evey e V.
5. V entra nos estúdios da BTN, na Jordan Tower.
6. V entra no ar com seu vídeo e convoca à população para encontro dentro de um ano em frente ao Parlamento.
7. Policiais invadem o estúdio e V foge com ajuda de Evey.
8. Telejornais declaram morte do terrorista.
9. Evey acorda na galeria das sombras.
10. Evey tenta ir embora, mas é impedida por V.
11. Finch e Dominic pesquisam o passado de Evey.
12. V e Evey discutem sobre atitudes de V.
13. V mata Lewis Prothero, apresentador de TV.
14. Finch e Dominic pesquisam sobre passado de Prothero.
15. V mata o bispo Lilliman.
16. Evey foge para a casa de Gordon.
17. Delia recebe a rosa encontrada com o bispo.
18. V mata a Dr.a Délia Surridge.
19. Finch encontra o diário de Delia e Sutler o príbe de lê-lo.
20. Finch lê o diário de Delia e descobre sua ligação com Larkhill.
21. Finch pesquisa o ataque biológico que matou 80 mil pessoas.
22. Gordon apresenta programa com sócia do chanceler Sutler.
23. Creedy invade casa de Gordon e o mata.
24. Evey foge e é capturada.
25. Evey é torturada e descobre a carta de Valerie.
26. Evey se nega a confessar seus crimes e é solta.
27. Evey descobre que sua tortura foi feita por V.
28. Evey tem uma epifania sob a chuva.
29. Evey deixa V.
30. Finch apresenta relatório sobre larkhill a Sutler, que ordena que a população seja mantida sob controle
31. Finch encontra e-mail de Rookwood.
32. Finch e Dominic encontram Rookwood em estação de trem, este conta sobre a vitória do partido e a epidemia de vírus causada pelo próprio Estado.
33. V visita Creedy e o ameaça, se oferecendo para ele em troca de Sutler.
34. Finch e Dominic descobre que Rookwood já está morto há pelo menos 20 anos.
35. Sutler exige de Creedy resultados na captura de V.
36. Máscaras de Guy Fawkes são entregues à população.
37. Finch conta a Dominic sobre sua visita a Larkhill, prevendo a revolta da população nas ruas.
38. Sutler coloca o exército nas ruas.
39. Em 5 de novembro, Evey visita V na galeria.
40. Sutler ordena que V não apareça naquela noite, responsabilizando Creedy pelo que acontecesse.
41. V mostra o trem cheio de explosivos a Evey.
42. V parte e Evey tenta impedi-lo.
43. Sutler faz discurso pela televisão, mas não há ninguém assistindo.

44. Creedy entrega Sutler a V. Creedy mata Sutler.
45. Creedy ordena que matem V, que acaba matando todos os atiradores e o próprio Creedy.
46. V desce para o metrô mortalmente atingido.
47. V se declara e Evey e morre nos seus braços.
48. População nas ruas, todos fantasiados de V.
49. Finch encontra o túnel de metrô e encontra Evey.
50. Finch impede Evey de ligar o trem.
51. Exército deixa população passar.
52. Evey convence Finch e liga o trem, que parte rumo ao Parlamento.
53. Finch e Evey sobem ao telhado, assistindo à explosão do Parlamento.
54. Evey diz e Finch que era V.
55. População assiste à explosão e tira as máscaras.

Tabela 2: Desconstrução V cinema

Ao fazer a desconstrução das duas mídias, pôde-se perceber melhor as abordagens no desenvolvimento das duas histórias e quais as relações haviam entre os personagens. Focaremos a análise nas diferenças significativas de representações dos aspectos político-sociais presentes nas duas histórias e entre seus personagens.

A obra de cinema tem agilidade ideal dos filmes de sua época, e a experiência do diretor James McTeigue e produtores-roteiristas Andy e Larry Wachowski, que inovaram a linguagem do meio em Matrix, tornou o filme um prato cheio para consumidores de filmes de ação e ficção científica, com efeitos em cenas de lutas que foram exaustivamente repetidas em V. A necessidade de repetição e inovação (BERNADET, 2001) está presente. Segundo Turner, os produtores de filmes populares sabem que cada filme de gênero tem de apresentar duas coisas aparentemente conflitantes: confirmar as expectativas existentes do gênero e alterá-las um pouco. É exatamente o que acontece em V de vingança, onde o filme inova com temas pouco abordados no cinema, mas repete-se nas cenas de ação e clichês de ordem emocional.

Esta tensão repetição/inovação não está apenas no produtor, está também no espectador. Se, por um lado, este precisa de inovação para assegurar seu divertimento, por outro a repetição lhe confirma seus gostos, seus valores, lhe dá segurança, o integra num sistema de valores. (BERNADET, 2001)

Fazendo a leitura de ambas as histórias sem grande atenção, tem-se a impressão de que ambas tomaram caminhos semelhantes para seu desfecho, mas com melhor análise percebeu-se que, no cinema, as relações entre os personagens e representações institucionais tiveram outras significações. A princípio, poderia se dizer que V cinema criticou diretamente a mídia e teve uma mensagem anarquista. Em seu livro “Cinema como prática Social” (Editora Summus, 1997), Turner citou que estudos em cinema mostram que certos posicionamentos críticos podem ter outras leituras: “posições potencialmente críticas podem ser articuladas dentro dos limites da ideologia, mas que finalmente “revertem” aos sistemas dominantes para gerar seus significados”. (TURNER, 1997, p. 150). É sob este foco que serão analisadas as passagens de ambos os suportes. O que ficou claramente percebido e vai nos ajudar a encontrar nossas respostas em relação ao conjunto das mensagens foi:

1 – Claras diferenças na personalidade dos 4 personagens principais: V, Evey, Chanceler e Finch

2 – Oposições nas relações entre os personagens

3 – Diferentes tratamentos em relação à população londrina, à mídia, ao Estado Fascista e suas relações entre si.

5 RELAÇÕES ENTRE V E EVEY

A relação entre os protagonistas V e Evey tiveram abordagens diferentes entre uma obra e outra, como mostrado nas tabelas 3 e 4.

EM HQ	
V	EVEY
mestre	discípulo
controle, consciência	confiança em V
deixa Evey livre para partir	oferece-se para ficar
revolução	construção

Tabela 3: Relações entre V e Evey na HQ.

EM CINEMA	
V	EVEY
amante	amada
descontrole, arrependimento	desconfiança em V
obriga e insiste que Evey fique	se recusa a ficar com V
monstro	donzela

Tabela 4: Relações entre V e Evey no cinema.

A análise dos desdobramentos de cada aspecto destas relações será feita a seguir.

5.1 V COMO O HOMEM DE EVEY

Ao narrar o início do filme em primeira pessoa, Evey, interpretada por Natalie Portman, deixa claro o que V representava: uma idéia. **“Dizem para lembrarmos da idéia, não do homem, pois um homem pode fracassar. Ele pode ser preso, morto e esquecido. Mas, 400 anos depois, uma idéia ainda pode mudar o mundo.”** A passagem é relatada com imagens do revolucionário Guy Fawkes na tentativa de explodir o Parlamento Inglês em 1605. Apesar de deixar clara a mensagem da “idéia”, ela acaba mudando o foco na finalização da frase, deixando clara qual a sua participação na história: **“...e não é de uma idéia que eu sinto falta. É de um homem. Um homem que eu jamais esquecerei.”** Após isto, o nome do filme surge imediatamente na tela, servindo a frase como o resumo do que Evey via nesta história: a sua história de relação com um homem que ela jamais esqueceria. Esta relação não existe nos quadrinhos, ali Evey se porta exatamente como um discípulo de V, uma pessoa encarregada de aprender tudo o que ele sabia.

A relação amante e amada no cinema é reforçada na sequência em que V morre nos braços de Evey, quando ele confessa a ela sua condição: **“Durante 20 anos, busquei apenas aquele dia. Nada mais existia... até eu ver você. Então tudo mudou. Eu me apaixonei por você como nunca imaginei que seria possível.”** Esta frase final deixa claro que para ele, Evey não fazia parte de seu plano revolucionário discutido mais adiante, ela fora apenas sua musa e ele um amante incompreendido.

A frase final de Evey, enquanto o Parlamento explode em chamas, mostra mais uma vez sua visão sobre a sua relação com V: **“Ninguém esquecerá aquela noite e o seu significado para o país. Mas eu nunca me esquecerei do homem e do que significou para mim.”** Esta frase teria significação diferente se colocada de outra forma, como veremos na análise da representação da doutrina anarquista presente em V e Evey. Mas, colocada como foi, fecha-se o ciclo da narrativa: este foi o homem que mudou a vida de Evey – o homem que ela amou. Este clichê é conhecido e muito utilizado pelo cinema, onde há a necessidade de um par romântico que centralize a história e faz o espectador se identificar emocionalmente.

Outra parte no filme que mostra a “sensibilidade” de Evey perante o amor é quando após os dois assistirem a um filme de Conde de Monte Cristo, Evey diz a V ter sentido pena da mocinha do filme, pelo fato de que o herói pensava em sua vingança mais do que nela. Clara referência à própria dupla de personagens, onde o herói busca sua vingança e a “mocinha” o espera para amá-la, mas para a infelicidade de Evey, o personagem Mondego do filme se preocupava muito mais com a sua vingança do que com sua amada.



Imagem 1: Epifania de Evey após tortura em quadrinhos. Página 62, livro 2



Imagem 2: Epifania de Evey após tortura no cinema.

5.2 V COMO UM MONSTRO INCOMPREENDIDO

Evey no cinema também tem outra relação com V: a relação da besta com a donzela, o clichê a bela e a fera, corcunda de Notre Dame ou outros exemplos mitológicos. A personagem deixa claro essa sua visão desde o seu primeiro encontro, quando ela pergunta a V se ele **“não seria um tipo de maluco”**. Evey de HQ e cinema não apóiam a idéia de V explodir prédios para alcançar determinados fins, mas no cinema ela é muito mais radical e se nega a ficar com ele na Galeria das Sombras desde o princípio.

Hugo Weaving, atuando como V, mostra-nos um herói muitas vezes arrependido de seus atos, como relatado em diversas passagens que realçam seus transtornos psicológicos e incertezas dos seus atos com Evey, como as suas desculpas e fraquezas. V desculpa-se em diversos momentos para Evey, como quando ele a levou inconsciente para a galeria das sombras após entrada no estúdio de televisão – **“Eu não queria isso para nenhum de nós, mas não vi alternativa”**

V mostrou-se transtornado em não poder manter Evey na galeria das sombras, pois, apesar de nos quadrinhos ela permanecer em seu esconderijo por livre vontade, no cinema Evey recusou-se a ficar em todos os momentos. Um bom exemplo disto é na cena em que Evey, logo após ser torturada e “libertada” por V, se recusa a ficar com ele na galeria das sombras e o deixa. V, irritado, retira sua máscara e a joga contra o espelho, quebrando-o. O herói então se senta com as mãos na cabeça e começa a chorar. Nos quadrinhos, Evey escolhe morar com ele desde seu primeiro encontro e se oferece para ajudá-lo e só a deixa quando o herói resolve abandoná-la no meio da rua, voltando logo após ser raptada por V. No cinema, ela se mostra não interessada em acompanhar V por diversas vezes, como nos momentos em que ela se recusa a ir com ele após seu primeiro encontro, quando é levada inconsciente após sua invasão ao estúdio de televisão ou foge dele após o encontro dos dois com o bispo. Mesmo tendo estas diferentes reações, Evey não concorda com os assassinatos de V em nenhuma das obras.

Apesar das frias reações de V perante os assassinatos cometidos em ambas histórias, estes visíveis momentos de fraqueza mostrados legitimam a sua condição de “freak” assumido, de aberração, de um insano que cometia suas loucuras a qualquer preço para alcançar determinados fins.

“O que eles me fizeram foi monstruoso” – é o que V conta a Evey no momento de sua partida da galeria após sua tortura. **“E criaram um monstro”** – ela afirma para ele, que reage abaixando a cabeça e ficando em silêncio.

Outra cena que demonstra isso é na sequência de despedida de V, quando ele leva Evey para o subterrâneo e a mostra o trem que se destinaria a explodir o Parlamento. Na declaração, V diz que o trem é presente para Evey após sua partida, e se desculpa pelos seus atos: **“A verdade é que me fez entender que eu estava errado. (...) porque este mundo do qual faço parte e ajudei a construir acabará esta noite.”** Após, ele diz partir para o **“encontro com seu criador”** e Evey lhe diz que não precisaria fazer isso, ele poderiam partir juntos – ela aceita se juntar a ele apenas no fim do filme – talvez para reforçar a idéia de que ela, no fundo, também o amava. V nega, pois Evey tinha razão **“quanto ao que eu sou”** – ele seria realmente um monstro e sua morte era “merecida” – talvez o herói não fosse realmente bom como os verdadeiros heróis do cinema.



Imagem 3: Transformação de V nos quadrinhos. Página 67, livro 1



Imagem 4: Transformação de V no cinema.

5.3 V E EVEY COMO SÍNTESE DAS DOUTRINAS ANARQUISTAS

“Os homens morrem mas as idéias ficam”. Essa parece ser a idéia central do filme. Nos quadrinhos, “as idéias” referem-se diretamente à Evey, que teria a missão de “ficar”. V e Evey nos quadrinhos representam juntos a alegoria da doutrina anarquista em seus dois momentos distintos: a revolução e a reconstrução através da força do povo. O próprio conjunto das obras porta-se como um “manifesto anarquista”, onde V explica formalmente a Evey quais seus propósitos por meio de enigmas que só ficam claros para Evey após sua morte: **“A anarquia ostenta duas faces, a criadora e a destruidora. Destruidores derrubam impérios, fazem telas com os destroços onde os criadores erguem mundos melhores”**.

V seria então o catalizador da anarquia, o revolucionário, e Evey a ordem construtora do novo mundo, dos novos modos em se viver sem a presença do estado. É o que o próprio V explica a Evey após este explodir os quartéis-generais do nariz, do ouvido e da boca e decretar via rádio à população que esta não seria

observada por três dias e o **“faça-o-que-quiser será a única lei”**. Ela questiona se tudo aquilo que ele estava fazendo já era a anarquia, mas ele nega: **“anarquia significa sem líderes, não sem ordem. Com anarquia, vem uma era de ordung, de verdadeira ordem, ou seja, ordem voluntária.”**

As implicações da dupla no cinema tornam-se diferentes, e isto é demonstrado quando Evey visita V e ele a convida para dançar. Evey questiona: **“Agora? Às vésperas de sua revolução?”** – mostrando que, para ela, a revolução era apenas de V, a “sua” revolução – ela absolutamente não fazia parte desta loucura. As suas fugas e negações em permanecer mostradas anteriormente também reforçam esta idéia de distanciamento das vontades de V.

Após a morte de V nos quadrinhos, tudo torna-se claro para Evey quando esta se imagina arrancando a máscara do herói para descobrir quem seria V. Depois de imaginar o rosto de seu pai, de Gordon e de sua mãe, ela vê o próprio rosto no lugar. **“...e finalmente sei. Eu sei quem V deve ser”**. A personagem então se olha no espelho e sorri, formando uma imagem semelhante à máscara de V. Uma pura representação de continuidade da idéia, de que mais coisas estariam por vir após a revolução. No cinema isto acontece de forma diferente e é mostrado no momento em que a população, fantasiada como V, arranca suas máscaras mostrando os rostos para o espectador. V será representado não apenas por Evey, mas por todos, como ela diz para o policial Finch na última seqüência do filme:

Finch: “Quem era ele?”

Evey: “Ele era Edmond Dantes. E ele era meu pai... e minha mãe. Meu irmão. Meu amigo. Ele era você... e eu. Ele era todos nós.”



Imagem 5: Evey na HQ descobre quem V deve ser: ela mesma. Página 139, livro 2

Como já foi citado, com a simples inversão das orações desta frase, a mensagem cinematográfica poderia ter significações diferentes, pois “o significado para o país” se relacionaria diretamente com o Parlamento em chamas, ou seja, o fim não seria apenas do estado fascista, mas seria o fim de qualquer forma de poder. A frase como foi dita enfraqueceu a idéia da explosão, e parece ter sido apenas um “marco” que V deixou para Evey sempre se lembrar dele.

Após a morte de V nos quadrinhos, sua missão terminou e aquele seria o momento de Evey entrar em ação. É o que ela faz, subindo ao telhado fantasiada de V e transmitindo sua mensagem de fim da opressão: **“Desde a aurora da humanidade, um punhado de opressores assumiu a responsabilidade sobre nossas vidas, responsabilidade que nós deveríamos ter. Ao fazer isso, eles tomaram nosso poder. Ao nada fazermos, nós o entregamos. Já vimos onde seus caminhos levaram, através de masmorras e guerras, rumos a matadouros. Na anarquia, há outro caminho. Com a anarquia, dos destroços vem vida nova, esperança renascida. Dizem que a anarquia está morta, mas vejam... as notícias de minha morte forma exageradas. Amanhã, a Rua Donning será destruída, a cabeça reduzida a ruínas. Um fim para o que já passou. Hoje vocês escolherão entre uma vida própria ou o retorno aos grilhões. Escolham com cuidado.”**

No cinema não há mensagem final, o que acontece é a explosão do Parlamento, que será analisada nos próximos capítulos.



Imagem 6: V e Evey: mestre e aprendiz. Página 26, livro 1

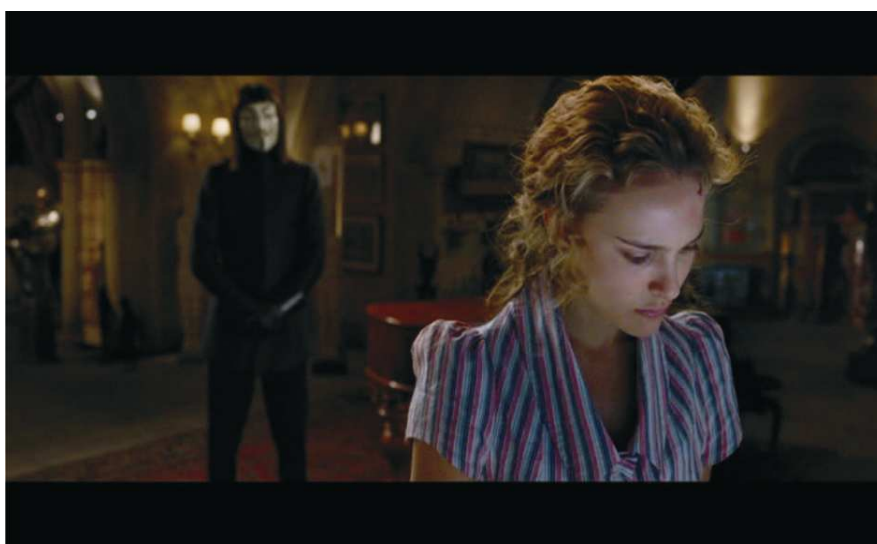


Imagem 7: V e Evey: Relação de amor e ódio

6 POPULAÇÃO E MÍDIA

A população nas duas obras tem diferentes representações. Nos quadrinhos, as pessoas vivem em um estado de miséria generalizada e a sua reação com o governo totalitário é mostrada de forma completamente pessimista: a maioria aceita os seus mandantes de forma silenciosa e a mídia estatal tem grande credibilidade. Isso é mostrado quando V deixou Prothero mentalmente perturbado e este não pôde mais transmitir “a voz de destino”. A simples substituição do locutor por outro faz a população entender que algo estava errado.

No cinema, a população constantemente questionou o governo e seus atos, e principalmente as notícias do telejornal que eram manipuladas pelo Estado eram conscientemente questionadas, como nas diversas cenas em que as pessoas assistem à televisão nos bares e lares e comentam não acreditar no que estava sendo veiculado, ou quando a própria Evey comenta para V que sabe quando a jornalista está dizendo mentiras. O discurso fechado do cinema leva a crer que muitos sabem disso e não crêem nas notícias. Em princípio poderia se dizer que tal reação seria uma crítica aos MCM, mas também soa como uma afirmação de que os espectadores têm consciência do que está se passando e não levam os MCM tão a sério.

POPULAÇÃO	
HQ	CINEMA
inconsciente	consciente
descontrolada	controlada
desordenada	ordenada
desunião	união
crença na mídia	descrença na mídia

Tabela 5: Relações entre a população em V hq e V cinema.

O descontrole também foi característica da população na HQ. Após a mensagem de “faça-o-que-quiser” transmitida por V, as pessoas tomam as ruas e saqueiam as lojas, aproveitando os três dias sem observação dos seus líderes.

No cinema, esse “descontrole” da população é mostrado nos telejornais a mando do Chanceler, com objetivo de instaurar o medo e insegurança nas pessoas, para um controle de melhor eficiência. Estas revoltas mostradas na televisão são acompanhadas pelas pessoas com rostos descrentes, mostrando que aquilo era apenas mais uma tentativa do governo para manter os cidadãos sob controle.

Assim, o papel da população no fim da história toma caminhos completamente diferentes, como veremos no capítulo 8, sobre os aspectos finais do filme.

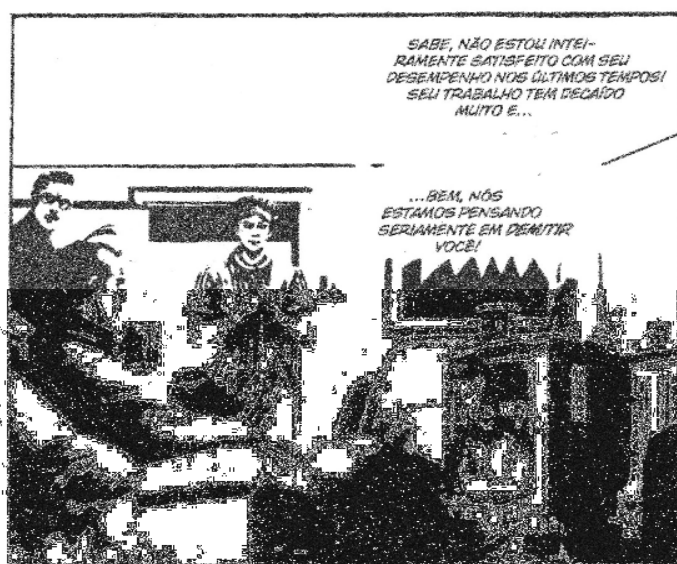


Imagem 8: A população atenta à mídia. Página 113, livro 1

7 PAPEL DO ESTADO EM V

A representação do Estado nas obras também tem aspectos distintos. Em HQ, a força do Estado está presente em praticamente tudo, e é representada pela cabeça – o centro operacional que comanda os departamentos do dedo (forças armadas), olhos (o departamento de observação), boca (as vozes do rádio e programas de televisão), nariz (o departamento de investigações policiais) e os ouvidos (as escutas telefônicas). Fica claro nesta narrativa que todos fazem parte do partido e estão dispostos a trabalhar em conjunto. Adam Susan é o chefe de Estado, que têm acesso a tudo através do computador destino. Susan é um tipo bonachão que confessa ao leitor dos quadrinhos ser uma pessoa apaixonada, e descobre-se mais tarde que a “mulher” trata-se do computador Destino. É neste computador que Susan confia e “obedece as ordens” – já que todos seus atos são de acordo com o que o computador “diz”.

Esta força estatal acaba se mostrando frágil, quando a vontade de tomar o poder toma conta de alguns membros do partido e também quando Susan enlouquece após Destino enviar a mensagem “eu te amo”, que o deixa emocionalmente alterado.

No cinema, o Estado é representado pelo chanceler Adam Sutler, e este se porta como um tirano que apenas dita as ordens a seus subalternos. A força dos apêndices do Estado no cinema é muito menor, eles se portam exatamente como subalternos recebendo ordens que parecem não estar dispostos a cumprir. Isso é mostrado claramente no primeiro contato do chanceler com seus departamentos, quando eles se reportam ao líder de forma distanciada e com rostos de desaprovação e indisposição a cumprir as ordens de Sutler.



Imagem 9: Adam Susan nos quadrinhos. Página 37, livro 1.

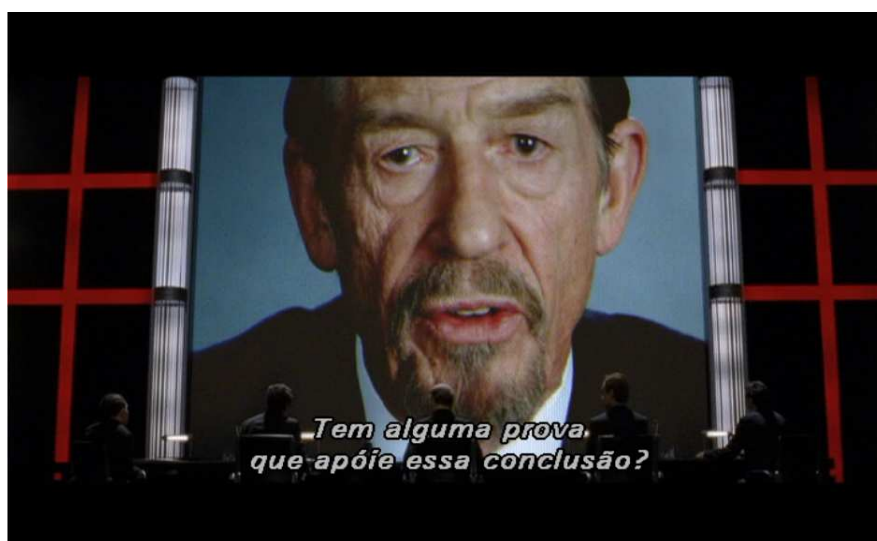


Imagem 10: Adam Sutler no cinema.

A chegada ao poder também ocorre de formas distintas: nos quadrinhos, uma coalização de grupos fascistas se uniu às grandes corporações e tomou o poder após o grande tumulto provocado pela terceira guerra. No cinema, o partido tomou posse pelas eleições, logo após a epidemia de vírus que matou milhares de pessoas.

O personagem Finch, chefe do departamento “nariz” e representante das forças policiais, acaba tendo representações completamente distintas nos dois casos. Em HQ, Finch é um dedicado componente do partido, que tem o primeiro contato com as vítimas de V e cada vez assume mais ódio do seu oponente pela frieza nos assassinatos. Em cinema, as relações de Finch com o Estado são mais promíscuas, e ele passa a investigar não apenas V e Evey, como também os próprios membros do Estado a fundo, mesmo após retaliação de Creedy. Finch chega e desliga as escutas para indagar com seu ajudante Dominic sobre os atos passados dos membros do partido. Ele acaba fazendo suas investigações por conta própria, cada vez que descobre mais sobre o passado do partido. Ao descobrir o diário de Dra. Delia Surridge, Sutler ordena que ele imediatamente destrua o objeto, mas a desobediência de Finch o leva a utilizar o diário para entender melhor o que havia se passado no campo de concentração. Finch também deixa claro que só perseguia Evey para protegê-la do departamento “dedo”. Ele explica a Dominic, em suas primeira buscas à garota, que só quer protegê-la dos “métodos de Creedy”. O investigador também tem visões diferentes sobre V nas duas mídias. Em quadrinhos, o policial comenta que os policiais estão **“enfrentando alguém que não é normal”**, desaprova sua brutalidade e promete a Dominic que **“ele vai pagar caro”** pela morte da Dra. Délia Surridge. No cinema, Finch considera que **“parte dele é humana”** em sua primeira observação da gravação de V ao fugir da Jordan Tower. Sua relação com V baseia-se muito mais na dúvida do que na vontade de dar fim aos seus assassinatos. Esta força policial no cinema acaba tendo uma imagem muito mais contestadora do que cumpridora de ordens, já que Finch, ao final do filme, já parece muito mais um aliado de Evey do que seu inimigo.

Da mesma forma que acontece com Finch, as forças do exército também acabam tornando-se “aliadas” de nossos heróis. Isso é claramente mostrado quando todos os representantes do povo deixam suas casas e se encontram nas ruas vestindo a máscara de Guy Fawkes distribuída por V, e o exército se prepara para contê-los. Mas, como não havia resposta de nenhuma autoridade, eles simplesmente se recusam a atirar e deixam as pessoas passarem por eles tranquilamente - mostrando que o exército era mais uma instituição que reprovava o governo.

Curiosamente, momentos antes do povo se encontrar com o exército, Dominic pergunta a Finch o que iria acontecer. Finch lhe responde: **“o que acontece quando pessoas desarmadas confrontam pessoas armadas”** – supondo que o exército iria abrir fogo, mas não é o que acontece. Toda essa representação do exército ocorre de forma oposta nos quadrinhos, onde o exército mostra-se mais ativo na contenção dos contestadores, como no espancamento de Rosemary ao matar o líder, e atirando contra a população quando esta se rebela no final da história.

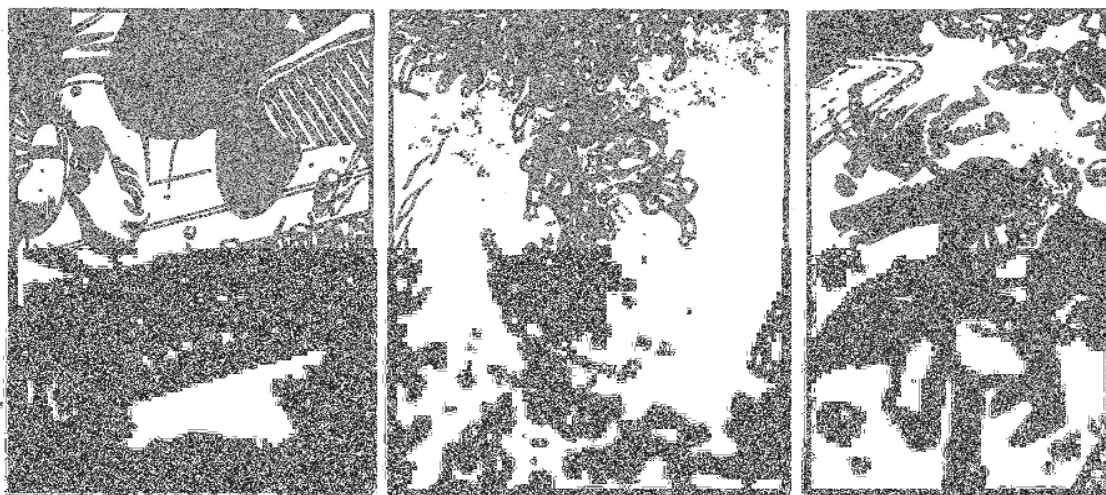


Imagem 11: Exército reagindo contra população no final da história. Página 147, livro 2.



Imagem 12: Exército se recusa a defender o Estado.

7.1 ESTADO E MÍDIA

Quais as relações entre o estado e a mídia nas obras? Em HQ, as empresas de comunicação, assim como todas as outras forças, fazem parte do Estado de forma integral. A mídia estatal era chamada por muitos de “a voz de Destino” e havia uma cooperação direta para os MCM com o Estado, já que não existia “ambos”, tudo fazia parte de uma coisa só.

No cinema, vendo o filme sem maior análise, dá-se a impressão de haver uma crítica às mídias, já que esta manipulava as informações sob ordens do governo. Mas com maior atenção, nota-se que os dois se relacionam muito mais como empresa contratada (a mídia) e contratante (o estado), como mostrado nas frases proferidas por Dascomb: **“nosso trabalho é divulgar notícias, não inventá-las. Isso é trabalho do governo”** – confirmando que a mídia não faz parte do estado, apenas “divulga” o que quer que seja “mandado” pelos seus chefes. Dascomb também culpa o próprio Sutler pela segurança da BTN – **“You designed it,**

sir. You wanted it fullproofed. You said every television in London!”⁵ – mostrando que as ordens foram cumpridas, mas Dascomb, como representante da mídia, lava as mãos e neste momento não se responsabilizaria pelas falhas do Estado. Outro momento que prova esta desconexão da mídia com o Estado é quando uma produtora da televisão indaga as ordens de Prothero: **“Prothero não pode fazer o que quiser”** – mostrando o descontentamento com as ordens do partido.

Outro caso importante é com Gordon, um contrabandista que tornou-se amante de Evey na HQ. No cinema, Gordon é um apresentador de televisão que se confessa homossexual e descontente com o abuso de poder de Sutler, o que o faz **“viver sob uma máscara”**, como ele próprio definiu sua existência. Gordon paga caro por sua rebeldia após produzir e veicular um programa humorístico com sócias do Chanceler tentando capturar o terrorista V – Creedy invade sua casa e o mata impiedosamente. Gordon, representante da liberdade de expressão, acabou calado por defender uma mídia livre e crítica. É o que acontece nesta “crítica” que o filme faz à mídia: ao ser subordinada do Estado, a sua condição parece ser muito mais de vítima do que manipuladora direta das informações – já que esta função cabia ao Estado.

⁵ “Você projetou isto senhor. Você queria isto à prova de balas. Você disse para alcançarmos todas as televisões em Londres”



Imagem 13: V tem acesso ao controle da mídia através de Destino. Página 89, livro 2



Imagem 14: Gordon critica o Estado através da mídia.

8 ESTADO VOYEUR

V em quadrinhos faz forte crítica à sociedade controlada pelo Estado via meios de comunicação. As câmeras onipresentes e “voz de destino” via rádio mantêm a ordem, que é aceita pela grande maioria. Adam Susan age como um “big brother” através do computador central Destino, o que é acentuado no cinema, onde Sutler só aparece através da grande tela, deixando-o com aparência ainda mais opressora.

Em HQ, V têm conexão direta com toda a aparelhagem do estado, ele é diretamente conectado a Destino⁶, o computador central idolatrado pelo chefe de estado Adam Susan. É através deste acesso que V consegue manipular a mente do ditador. V também tem acesso às ondas de rádio e transmissões de vídeo da cidade, o que o faz derrubar o Estado utilizando as próprias armas de seu inimigo. Esta foi uma crítica direta aos MCM feita pelos autores e é claramente colocada quando V mostra a Evey os seus pertences utilizados que seriam seus, como as salas de recepção de tv, rádio e também o computador central Destino. V os define como o **“ar da sabedoria concentrado em eletricidade”**, afirmando que **“os fatos de toda a humanidade estão centralizados aqui... isso causará a ruína da humanidade.”**

⁶ O computador destino é referência a uma “internet” idealizada pelos autores, onde “tudo se conectava a tudo” e acabava “formando” a realidade. Os autores relacionaram o sistema de informação analógico dos cartões perfurados à burocracia digital e criticaram a concentração de informações dentro de um estado burocrático.

As explosões que destruíram os edifícios que sustentavam os meios de comunicação e vigilância do Estado nos quadrinhos reforçam esta crítica, não presente no cinema.

Os interesse ideológicos ao se produzir o filme não deram espaço à esta crítica, já que a própria Warner fazer a sua própria “centralização de informação” criticada abertamente nos quadrinhos. “Tanto a produção quanto a recepção do filme são envolvidos por interesses ideológicos, não importa quão insistentemente isso possa ser negado.” (TURNER, 1997, p.143)

V também se comunica diretamente com a população em transmissões via televisão e rádio nos quadrinhos e apenas via televisão no cinema. Estas transmissões serão analisadas no próximo capítulo.

9 ASPECTOS FINAIS DO FILME

O discurso de V quando este invade o estúdio de transmissões tem grande importância. Nos quadrinhos, V critica a própria história humana de sucessivos erros políticos, mostrando as imagens de ditadores históricos e culpando a população por tê-los colocado no poder. Em sua transmissão via rádio, V se identifica como “voz do destino” e chama a população para comemorar a tentativa de Guy Fawkes em explodir o Parlamento. **“Para comemorar a mais gloriosa das noites, o governo de sua majestade tem o prazer de devolver os direitos de segredo e privacidade a todos vocês, seus leais súditos. Durante três dias, seus movimentos não serão observados. Suas conversas não serão ouvidas... e “faça-o-que-quiser” será a única lei.”** Esta transmissão faz com que o povo invada as ruas, causando tumulto e diversos saques em lojas e supermercados.

V no cinema não se presta a tanto e prefere criticar apenas este **“os crimes deste novo governo”** que tomou o poder. Seu discurso televisivo centraliza-se na crítica ao estado fascista, o que leva a crer que uma volta à democracia seria a grande necessidade. Na frase **“Se antes você tinha a liberdade de se opor, pensar e falar o que quisesse... agora você tem censores e câmeras obrigando-o a se submeter”** – fica clara a defesa da democracia que deveria voltar a funcionar no país. Logo depois, V diz que os maiores culpados são os próprios cidadãos: “o culpado é vocês” – que colocaram Adam Sutler no poder. V fecha seu discurso

chamando a população para, dentro de um ano, reunir-se em frente ao Parlamento Inglês.

A situação final da cidade apresenta diversas diferenças significativas nos dois suportes. Enquanto a HQ termina com uma cidade tomada pelos seus moradores enfurecidos e descontrolados, o caos estimulado por V no faça-o-que-quiser, V cinema apresenta uma manifestação ordenada, com todos vestindo a máscara de V enviada por ele mesmo para todos os habitantes. É a pura representação democrática, onde todos representam um e a população une suas forças representadas pelo voto. Ao explodir o Parlamento, as pessoas começam a retirar suas máscaras, mostrando quem eram estava protestando contra o governo. A surpresa acontece quando vemos ali Gordon, representando a mídia e Dominic, representando a polícia, o que nos faz pensar novamente que o Estado tinha pouca força nesta narrativa.

Observando estas diferenças, fica clara a representação final dos personagens V e Evey em cada uma das histórias. Em HQ, V foi o catalizador do caos e da subversão, o estopim para a revolução popular, o princípio do processo anarquista. Evey foi a construtora do anarquismo, mostrada em seu discurso passando-se por V no final da histórias, como já visto anteriormente.



Imagem 15: Representação da população no cinema.

No cinema, V promove a união das pessoas, a “massa eleitoral”, para comparecer em frente ao Parlamento. V foi muito mais democrata, pois, já que o próprio povo que colocou o partido no poder através do voto seria o mesmo povo que demonstraria descontentamento com este governo. Evey teve a função de apenas ligar o trem para este explodir o Parlamento. Ao ser questionado por Finch quem era V, ela diz que V era “todo nós” – V transformou-se na pura representação democrática representada pelo voto – a vontade de todos.

A “anarquia” é representada no cinema de forma pejorativa, numa cena em que um ladrão, vestindo a máscara de Guy Fawkes, assalta uma mercearia e, com a arma apontada para o alto, grita: “Anarquia no Reino Unido” – passando para a cena seguinte com o detetive Finch citando a palavra CAOS. Essa cena deixa clara a visão do filme sobre o anarquismo: uma idéia de caos e liberdade de se fazer o que quiser, representada na ignorância de um bandido de segunda categoria.



Imagem 16: “Anarquia no Reino Unido!”

CONCLUSÕES

Muitos foram os aspectos analisados entre a obra de quadrinhos e a obra de cinema de “V de vingança”. Pôde-se notar, nestas análises, que realmente o sentido das mensagens apresentadas teve características distintas.

Foi percebido que o distanciamento na relação entre V e Evey no cinema acabou enfraquecendo a idéia dos quadrinhos que mostrou as duas fases do processo anarquista: a revolução e tomada do poder pelo povo. No caso do cinema, o maior poder que o povo teria seria o voto, e não a autonomia total sobre si como sugerida pelos ideais anarquistas.

Outro aspecto foi em relação às críticas à mídia. O cinema aparentemente fez críticas ao jornalismo, que colocadas no contexto geral, tiveram a forma de crítica à falta de liberdade de expressão, já que as emissoras não eram parte integrante do Estado como nos quadrinhos.

Notou-se também que todas essas questões foram cobertas pela história central que ocorre em V cinema e assim reforçada por Natalie Portman como Evey no começo e fim do filme: esta foi a história do relacionamento dela com um homem.

O cinema perdeu grande chance de representar as teorias anarquistas na tela, e ao considerar o seu alto nível de alcance e penetração (principalmente na transmissão dos filmes via televisão) quando comparado aos quadrinhos, conclui-se que o filme, como representação histórica, acabou levando a ideologia anarquista para o “buraco da memória” idealizado por George Orwell em sua obra “1984”.

REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 13ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000 (Coleção primeiros passos nº 9).

HALL, Stuart. Da Diáspora: **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

JOLY, Martine. **A imagem e a sua interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2002.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.

STAM, Robert. **Literature and film: a guide to the theory and practice of film adaptation**. USA: Blackwell Publishing, 2005.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Ed. Summus, 1997.